



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH
TRABALHO CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

MARIA ROSENI MARTINS DA SILVA

**A IDENTIDADE NORDESTINA REPRESENTADA ATRAVÉS DO CONCEITO
DE PARAIBANIDADE: O CASO DE ELBA RAMALHO NA TRANSPOSIÇÃO
DO RIO SÃO FRANCISCO**

CAMPINA GRANDE - PB

2012

MARIA ROSENI MARTINS DA SILVA

**A IDENTIDADE NORDESTINA REPRESENTADA ATRAVES DO CONCEITO
DE PARAIBANIDADE: O CASO DE ELBA RAMALHO NA TRANSPOSIÇÃO
DO RIO SÃO FRANCISCO**

Monografia apresentada ao departamento
de História da universidade Estadual da
Paraíba - UEPB, como exigência para
obtenção do título de licenciatura plena em
História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Lindaci Gomes de Souza / UEPB

CAMPINA GRANDE - PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586i Silva, Maria Roseni Martins da.
A identidade nordestina representada através do conceito de paraibanidade [manuscrito] : o caso de Alba Ramalho na transposição do rio são francisco / Maria Roseni Martins da Silva . – 2012.
50 f. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.
“ Orientação: Prof.^a Dra. Maria Lindaci Gomes de Sousa, Departamento de História”.

1. História - Identidade Nordestina. 2. Paraibanidade. 3. Paraíba. I. Título.

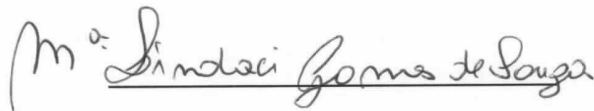
21. ed. CDD 900

MARIA ROSENI MARTINS DA SILVA

**A IDENTIDADE NORDESTINA REPRESENTADA ATRAVES DO CONCEITO
DE PARAIBANIDADE: O CASO DE ELBA RAMALHO NA TRANSPOSIÇÃO
DO RIO SÃO FRANCISCO**

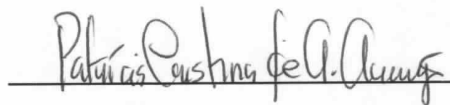
Monografia apresentada ao departamento
de História da universidade Estadual da
Paraíba - UEPB, como exigência para
obtenção do título de licenciatura plena em
História.

Aprovada em 05/12/12



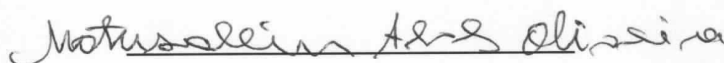
Profª Drª Maria Lindaci Gomes de Souza/ UEPB

Orientadora



Profª Drª Patrícia Cristina de Aragão Araújo / UEPB

Examinadora



Prof. Msc. Matusalém Alves Oliveira / UEPB

Examinador

AGRADECIMENTOS

A Deus pela força e coragem para seguir em frente. A minha mãe Maria de Fátima, por todo o apoio, carinho e cuidados de uma vida inteira. E toda a minha família: Roberta, Roana, Albanita, Jamira, Bernadete, Josias, Jandir, Joab, Graça, João, Maria das Dores, Heleni, que me apoiaram nessa trajetória prazerosa, me dando a mão e sempre me incentivando com palavras de estímulos. Aos meus queridos amigos: Lívia, Josiane, Elisângela, Moisés, Evandro, Samira, Marizélia, Paloma, João Paulo, Flávio, Roberto, Gilberto, Sérgio, Júlio, Bruna, pelo apoio, conversas e risadas ao longo de todo o curso, onde fizemos laços fortes de companheirismo.

Aos queridos professores que com dedicação ensinaram muito mais que os conteúdos, foram eles os responsáveis por me descobrir como historiadora. A estes profissionais que passaram por nossa turma tão querida - Os Mata Gavayas – deram exemplos de profissionais que devemos ser.

Quero deixar meus cumprimentos à professora Lindaci que aceitou me orientar nessa monografia, sempre prestativa muito abrigada.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Introdução | 9 |
| Capítulo I: A construção da identidade nordestina representada pelo conceito de nação e região e as múltiplas concepções de (di) visão para a região Nordeste | 12 |
| 1.1 Historicizando os conceitos de nação e região | 13 |
| 1.2 Os sentidos atribuídos à região Nordeste | 17 |
| Capítulo II: Nordeste: espaço de simbolismo discursivo, construindo identidades ---- | 21 |
| 2.1 Nordeste: espaço institucionalizado pelo discurso hegemônico e pelo poder simbólico | 22 |
| 2.2 O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) na construção da Paraibanidade | 25 |
| 2.3 A construção da ideia de paraibanidade | 27 |
| Capítulo III: A internet como fonte documental: O caso de Elba Ramalho na transposição do rio São Francisco | 29 |
| 3.1 A internet como fonte documental | 30 |
| 3.2 O discurso da cantora Elba Ramalho: a transposição do rio São Francisco ---- | 32 |
| Considerações Finais | 37 |
| Referências Bibliográficas | 39 |
| Anexo | 41 |

“O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático”.

(Stuart Hall)

RESUMO

O presente trabalho analisa a construção dos termos identidade, nação e região partindo do princípio que os mesmos constituem representações projetadas com interesses diversos através dos discursos constituintes. A partir dos discursos, gradativamente será realizado um processo de construção indenitária nacional, regional e posteriormente paraibana. Em seguida, abre-se uma abordagem sobre como o Nordeste foi institucionalizado como espaço “marginalizado” se constituindo através do poder simbólico a ele representado e atribuído. Com o caso de Elba Ramalho, que por divulgar publicamente sua posição contrária à transposição das águas do rio São Francisco teve seu nome arrolado numa disputa política, veremos um exemplo emblemático, de como a questão da identidade (paraibana) pode ser questionada, nesse caso, através de da mídia, que passa a aponta-la como não sendo mais paraibana e até ter “cuspidado no caneco que bebeu”. Neste sentido a proposta que trazemos nesse estudo, é fazer uma reflexão teórica da forma como se dá a construção da identidade, da nação e da região. Bem como, compreender a forma pela qual o espaço Nordeste foi se institucionalizado e se processou o conceito do termo *Paraibanidade*, a partir do Instituto Histórico Geográfico Paraibano - IHGP -fazendo uma conexão com o presente. Pretendemos também, identificar como os discursos proferidos pelas elites de antigamente contribuíram para a ratificação desse modelo de identidade. Analisar a necessidade de se criar uma identidade nacional/local, fazendo um breve resgate histórico a partir do instituto histórico. A discussão que segue envolve ainda, a importância de se investigar os discursos das elites em projetar um sentimento de pertencimento e identidade. Pretendemos, por tanto, identificar as possíveis, intencionalidades dos discursos sobre a questão da identidade, assim como as formas dessa preleção configurada através do conceito de paraibanidade que ainda deixa seus vestígios mesmo que de forma menos impactante. Para a contribuição da pesquisa, foi utilizado como metodologia a revisão bibliográfica e textos para análise da internet, com abordagem da fonte nas “novas” posturas metodológicas. A pesquisa demonstrou que a partir de uma “fala” se percebe os jogos de interesses ideológicos - políticos que se projeta em torno da questão indenitária, surgida com propósitos claros que se perpetuaram ao longo das relações sociais.

Palavras chave: Representação. Identidade. Nordeste. Paraibanidade

RESUMEN

Este trabajo analiza la construcción de la identidad términos, nación y región suponiendo que las mismas representaciones se han diseñado con intereses diversos a través de los componentes discursos. Después de los discursos, habrá un gradual proceso de construcción de identidad nacional, regional y Paraibana más tarde. A continuación, abra una discusión sobre cómo el noreste se institucionalizó el espacio como "marginados", constituyéndose a través del poder simbólico que se le atribuye y representados. En el caso de Elba Ramalho, que públicamente su oposición a desviar el agua del São Francisco tenía su nombre inscrito en una disputa política, vamos a ver un ejemplo de cómo el tema de la identidad (Paraíba) puede ser cuestionada en este caso a través de los medios de comunicación, que ahora se nota que ya no Paraibana e incluso tienen "escupir en la copa que bebía". En este contexto, la propuesta de incluir en este estudio es una reflexión teórica de cómo se da la construcción de la identidad, nación y región. Así como para comprender la forma en que se institucionalizó el espacio Noreste fue demandado y el concepto de la Paraibanidade término del histórico Paraibano Instituto Geográfico -IHGP- establecer una conexión con el presente. También tenemos como objetivo identificar cómo los discursos de las viejas élites contribuido a la ratificación de este modelo de identidad. Analizar la necesidad de crear una identidad nacional / localidad, haciendo un instituto histórico breve de la historia. La discusión que sigue implica también la importancia de investigar el discurso de las élites para proyectar un sentido de pertenencia e identidad. Nos proponemos, por tanto, identificar las posibles intenciones de los discursos sobre el tema de la identidad y las formas esta conferencia configurados a través del concepto de paraibanidade que aún deja sus huellas incluso en un menor impacto. Para que la contribución de la metodología de la investigación se utilizó como una revisión de la literatura y el análisis de textos para la aproximación internet fuente con el "nuevo" metodológica pospuesto. La investigación demostró que a partir de un "discurso" se percibe intereses ideológicos - juegos políticos que sobresale alrededor de la identidad problema, surgido con propósitos claros que han sido perpetuadas a través de las relaciones sociales.

Palabras clave: la representación. Identidad. Nordeste. Paraibanidade

Introdução

Dentre as inúmeras correntes historiográficas há probabilidades de se fazer História a partir de uma pluralidade de concepções históricas. Com a renovação na área abriu-se uma gama de possibilidades tanto nos campos de pesquisa, como na forma de tratar os objetos históricos, assim como os que dizem respeito às temáticas e as fontes nas quais o historiador passa a ter uma maior liberdade para escrever. Nessa perspectiva o trabalho será produzido, sob a dimensão da história cultural, na segunda metade do século XIX e fazendo um contra ponto nos dias atuais, entendendo como esta construção se vinculou no imaginário nordestino/paraibano.

Neste sentido a proposta que trazemos nesse estudo, é fazer uma reflexão teórica da forma como se dá a construção da identidade, da nação e da região. Bem como, compreender a forma pela qual o espaço Nordeste foi se institucionalizado e se processou o conceito do termo *Paraibanidade*, a partir do Instituto Histórico Geográfico Paraibano - IHGP - fazendo uma conexão com o presente.

Pretendemos também, identificar como os discursos proferidos pelas elites de antigamente contribuíram para a ratificação desse modelo de identidade. Analisar a necessidade de se criar uma identidade nacional/local, fazendo um breve resgate histórico a partir do instituto histórico. A discussão que segue envolve ainda, a importância de se investigar os discursos das elites em projetar um sentimento de pertencimento e identidade.

Pretendemos, por tanto, identificar as possíveis, intencionalidades dos discursos sobre a questão da identidade, assim como as formas dessa preleção configurada através do conceito de paraibanidade que ainda deixa seus vestígios mesmo que de forma menos impactante. Para a contribuição da pesquisa, foi utilizado como metodologia a revisão bibliográfica e textos para análise da internet, com abordagem da fonte nas “novas” posturas metodológicas.

A pesquisa demonstrou que a partir de uma “fala” se percebe os jogos de interesses ideológicos - políticos que se projeta em torno da questão indenitária, surgida com propósitos claros que se perpetuaram ao longo das relações sociais.

A estrutura da monografia está apresentada da seguinte forma: o primeiro capítulo - **A construção da identidade nordestina representada pelo conceito de nação e região e as múltiplas concepções de (di) visão para a região Nordeste**, e precedido por subtítulos como: *Historicizando os conceitos de nação e região, Os sentidos atribuídos à região Nordeste*. Neste capítulo apresentar – se uma discussão de identidade, seu conceito (se e que tem?) visto que é difícil trabalhar com este conceito, pois as mesmas estão fragmentadas. À construção da nação e da região e os sentidos que lhe foram atribuídos à projeção de Nordeste como representações feitas através de discursos diversos que forjaria uma identidade.

No capítulo sequencial - **Nordeste: espaço de simbolismo discursivo, construindo identidades**, está constituído pelos subtítulos *Nordeste: espaço institucionalizado pelo discurso hegemônico e pelo poder simbólico*, que abordará às formas de como esse espaço foi tencionado pelo discurso e pelo poder político. Como também pelo *O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano na construção da Paraibanidade*, que procederá de uma contextualização sobre o instituto e o forjamento da identidade paraibana. *A construção da ideia de paraibanidade* vem encerrar o capítulo com uma abordagem da construção desta identidade veiculada ao IHGP e a necessidade de separação com Pernambuco, “criando” determinadas característica específica para esse “novo” ser: a diplomacia e a inclinação à paz, a bravura, e a preponderância ao republicanismo.

No Capítulo III: **A internet como fonte documental: O caso de Elba Ramalho na transposição do rio São Francisco**, assim como vem acompanhado pelos tópicos subsequentes: *A internet como fonte documental*, e *O discurso da cantora Elba Ramalho: a transposição do rio São Francisco*. Onde será feito um levantamento histórico sobre as fontes documentais desde a Escola Positivista até os Annales, e uma amostra de como a identidade paraibana foi introjectada e repercutir na atualidade, com o caso específico de Elba ramalho. Com um enfoque no lugar social da cantora e o que consistia o projeto da transposição das águas do rio São Francisco. E por fim as considerações finais que fecha toda a ideia e proposta deste trabalho.

Quanto à metodologia utilizada, além de trabalhar com a revisão bibliográfica, é utilizado para ser analisando os conteúdos retirados da internet. A pesquisa demonstrou que a partir de uma “fala” se percebe os jogos de interesses ideológicos - políticos que

se projeta em torno da questão indenitária, surgida com propósitos claros que se perpetuaram ao longo das relações sociais. a proporção de como o discurso da identidade reflete um arcaísmo nas estruturas sociais, partindo das representações e apropriações de Chartier juntamente com a institucionalização do poder simbólico de Bourdieu.

Além de autores como Durval Muniz que trabalha com a construção imagético-discursivo de região Nordeste, como também Rosa Maria Godoy que aborda a questão regional e territorial. Stuart Hall, com as apropriações de seu tema identidade com uma discussão relevante para a abordagem do tema proposto. Sandra Lencioni, Pesavento, Margarida D. Oliveira, Maura Penna, Francisco de Oliveira, Jorge Siqueira, José Carlos Reis, dentre outros que serão mencionados e trabalhados ao longo do texto.

Capítulo I:

A construção da identidade nordestina representada pelo conceito de nação e região e as múltiplas concepções de (di) visão para a região Nordeste

1.1 Historicizando os conceitos de nação e região

È muito difícil conceituar o que seja identidade. Por ser uma questão complexa e que envolve apropriações diferentes, trabalhar com este conceito requer cautela, principalmente hoje em dia com a “pós-modernidade” e a queda dos paradigmas, em que as identidades estão fragmentadas ou segundo Stuart Hall há um “deslocamento ou descentração do sujeito” que está perdendo suas bases/raízes. Esse processo vem se desencadeando com as transformações das sociedades desde o final do século XX e principalmente com a “revolução das informações” que cada vez mais “está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinha fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (HALL, 2006, p.09).

As identidades são, pelo seu lado, um outro campo de pesquisa para a História Cultural. Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelecer a diferença. (PESAVENTO, 2005, p.89/90)

Ao passo que as sociedades foram se tornando mais conscientes, independentes com o surgimento do sujeito cartesiano (racional, pensante, consciente, o centro do conhecimento) libertou-se das tradições e das estruturas que os cercavam. Agora a palavra de ordem é cultura, na qual a discussão sobre pertencimento deve ser apropriada a partir de uma determinada cultura, fato que vai caracterizar o indivíduo ou que vai defini-lo.

A época moderna abre um leque de opções a esses sujeitos, com os novos adventos das ciências sociais e humanas que acabaram por individualizar o sujeito e sua concepção de identidade. No período anterior essa noção era coletiva de toda comunidade, ou seja, o indivíduo só se sentia um ser, pois estava compartilhando com os outros que o cercavam.

A identidade como uma construção imagética discursiva é diversificada; racial, étnica ou social na qual o indivíduo só a reconhece pelo defrontamento com o outro. Aspecto que nos permite nessa relação conturbada torna-se importante ter em mente que

ela vai depender do espaço aos quais os indivíduos estão inseridos, e no contexto atual da globalização, estes mesmos indivíduos podem acumular em si, diferentes perfis identitários, mas um nunca anulando o outro. Quando nascemos não temos essa consciência de pertencer a algo, isso vai acontecendo no decorrer da nossa formação, tudo que nos cerca tomamos como características fundamentais. Portanto os discursos repetidos que assimilamos como “nosso”, fazendo parte de quem somos, ou seja, “as identidades são, no caso, ficções criativas que situam o indivíduo no espaço, no tempo, no social, mesmo no mundo” (PESAVENTO, 2005, p.91).

Há, portanto uma lacuna aí, com essas transformações o sujeito não precisa mais compartilhar com os seus pares, para se sentir um deles ou pertencer a qualquer grupo, mesmo longe ou até nunca ter estado neste local ele pode se considerado parte daquele todo. Um exemplo que evidencia é como as pessoas se relacionam com as informações que cada vez mais fragmentam e desloca os sujeitos apresentando a eles as diversas formas culturais existentes. É difícil dizer pertencer a esta ou aquela expressão identitária cultural, se elas a todo instante se transformam/mudam e não tem mais como dizer qual é a “pura”, “limpa” se nesse processo elas se permutam. De um modo geral os sujeitos não têm mais uma identidade unificada, agora eles possuem várias identidades cabendo ao próprio indivíduo assimilá-las.

O que vai diferenciar muito são as formas de apropriações e representações identitária que vai ser assumida. A nação enquanto uma instituição representada pelos símbolos do estado (bandeiras, hinos, heróis, território, língua comum etc.), caberá aos sujeitos consumir de forma subjetiva essa simbologia, tornando-se algo que numa leitura imediata pode apresentar como parte de si, serão estes signos que irão identificá-los de forma genérica como, por exemplo, brasileiro e por conseqüentemente como paraibano.

Nesse panorama fica-se a pergunta, o que faz com que um indivíduo pertença a uma determinada região/local? Com esta indagação faz-se necessário uma breve contextualização da ideia de nação, partindo do geral para o local.

Até a primeira metade do século XIX essa ideia de nação não era uma preocupação do Império, só a partir de 1938 com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) que se tem essa necessidade, principalmente política de dar uma “nova” cara a essa população até então dispersas, e tentar uni-los como uma

nação, ou seja, como o povo brasileiro. Esse projeto ficará a cargo de Francisco Adolfo Varnhagen, que em 1850 com sua obra a História Geral do Brasil vai escrever como se constituiu essa trajetória com suas conquistas, desafios e vitórias na tentativa de forjar uma unidade nacional.

Foram instituídos também em todas as províncias (não podemos ainda referir como regiões nesse momento) os Institutos Históricos locais que assim como o IHGB, que coube escrever a história nacional, cabendo aos outros ficarem com a função de escrever a história local. As províncias mais “pareciam países isolados” fechados em si, e então a monarquia pretendia junto com o IHGB “construir” esse povo brasileiro não só no Rio de Janeiro, mas em todas as localidades do país.

Essa identidade nacional foi feita sobre bases culturais, na falsa ideia de que todos compartilhavam uma mesma cultura, desprezando as singularidades locais que eram as únicas formas de identidades conhecidas. Foi um processo longo e exaustivo para introjecta no povo esse sentimento, devido não ser fácil de uma hora para outra, se sentir brasileiro. É um caminho tênue, que se percorre até serem alcançados os êxitos esperado da nação, tornando necessário que os sujeitos do processo tomem para si essa identidade e se reconheça também como parte do todo. De início a nação era nada menos que a unificação da classe dominante e posteriormente essa ideia ia sendo projetada na classe subordinada.

E pertinente mencionar que esta construção reflete no sentido que se é atribuído a ela, ou seja, foi lançada a ideia e os indivíduos durante um processo se apropriaram da noção de identidade dando sentido ao que veem e leem. Nada mais sendo do que umas das formas de representação desses sujeitos, que foram formados inconscientemente através dos signos de poder: como bandeira, hino, heróis, terra, cultura... Imagens projetadas que os identificaram como pertencentes à determinada nação e região, que segundo Chartier as representações podem ser pensadas como “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p. 17).

A recente nação brasileira estava compreendida apenas com duas subdivisões Norte e Sul (a atual divisão em regiões brasileiras é de 1970 e foi feita pelo IBGE), portanto não existindo ainda o nordeste como região, que será uma “invenção” posterior. As bases dessas novas questões serão feitas a partir dos conceitos de

nação/região. A porção que hoje reconhecemos como Nordeste, em sua história econômica passou por uma diversificação, uma rotatividade em seu círculo econômico – produção açucareira, pecuária e posteriormente o algodão.

Pensar a nação como homogênea é essa construção da identidade do povo brasileiro que viria e supriria as diferenças, mas não foi bem assim. Esta forçosa homogeneização levou com que as demais regiões e principalmente o Norte tomasse para si um discurso que ia de encontro com o nacional, o regionalismo. Que se apoia numa aliança com determinados grupos sociais locais que sob a pretensão da união forja uma identidade referida a um espaço, e esse discurso legitima o poder e o monopólio das representações, fazendo com que esse discurso seja apropriado pelas comunidades culminando no fato de que elas se reconheçam como parte dele. O regionalismo foi fundamental na formação do nordeste, enquanto espaços dominados pelas oligarquias tradicionais. Segundo Penna (1992, p.20)

As demarcações geopolíticas estabelecidas pelo Estado, o regionalismo, sob determinadas condições sócio-históricas, dá um significado peculiar ao espaço da região, reafirmando-o enquanto um referencial de identificação, região então se explica como um conceito que, fundado sobre um critério territorial espacial e físico, portanto inclui um plano simbólico.

Essa narrativa regionalista está atrelada ao que acontecia no cenário político brasileiro, que era a transição da monarquia a república. Essa necessidade de identidade de povo brasileiro o regionalismo consolida a região, que vem se amostrar como um espaço diferente, com sua própria identidade. A questão da territorialidade é muito importante na constituição da identidade. “Território é o suporte natural sobre o qual uma sociedade se organiza e cria seu espaço, que requer um espaço geográfico para se autoafirmar como pertencente” (PENNA, 1992). Território está relacionado ao espaço, ou seja, a terra propriamente dita que por sua vez remete ao conceito de região, que seria uma forma de representação desse espaço que está diretamente conectada com as características físicas e delimitada através do clima, etnia, economia, topografia e administração.

Devido a interesses locais houve naquele momento a necessidade de uma territorialidade, ou seja, demarcar seu espaço para que se criasse essa “nova”

espacialidade e para que isso acontecesse era preciso uma construção identitária que será paulatinamente construída a base de subterfúgios. A questão da seca será o ponto de partida para sua autoafirmação enquanto região fragilizada. Depois de épocas de prosperidade econômica o “Nordeste” atravessa uma recessão econômica quando deixa de ser o centro econômico do país. A situação se agrava mais quando depois de 1877 esse espaço toma para si o discurso da seca, como uma forma de interpela recursos. Vendo essa possibilidade cria-se um círculo vicioso entre os representantes das oligarquias da região que iniciam a “separação” regional.

1.2 Os sentidos atribuídos à região Nordeste

A palavra em si região tem sentidos múltiplos que vai depender da corrente teórica. Desde a antiguidade os gregos já tinham essa noção de região com os estudos corográficos – “diferenças e os contrastes da superfície da Terra” (LENCIONI, 1999, p. 187), já o pensamento anti-historicista veria região como um espaço natural e não humano para a fenomenologia este espaço seria social e cultural. Na visão marxista as delimitações regionais estariam ligadas diretamente a economia “como produto de uma divisão territorial do trabalho, tendo como referência o processo geral de produção capitalista” (LENCIONI, 1999, p. 196). E por fim na visão moderna ou pós e o espaço com todas as suas singularidades que se é estudado e delimitado. Do ponto de vista da geografia a região é demarcada pela questão natural-climática, e são os geógrafos que reivindicam o “direito” pela regionalização do espaço com os critérios que levam em conta as condições naturais e o clima - geografia física.

A etimologia da palavra região (régio), tal como a descreve Emile Benveniste, conduz ao princípio da di-visão, acto mágico, quer dizer, propriamente social, de diacrisis que introduz por decreto em uma descontinuidade decisória na continuidade natural... Regere fines, o acto que consiste em «traçar as fronteiras em linhas rectas», em separar «o interior do exterior, o reino do sagrado e do profano, o território nacional do território estrangeiro» é um acto religioso.. regere sacra, de fixa as regras que trazem á existência por elas prescritos... (BOURDIEU, 2006, p.113/114).

Região segundo Pierre Bourdieu é sacralizada pelo social, e esta representação do espaço se configura a partir do oposto da divisão de suas fronteiras. Fronteira essa

que através do “discurso performativo, que tem em vista impor como legítima uma nova definição das fronteiras e dar a conhecer e reconhecer a região assim delimitada” (BOURDIEU, 2006, p. 116). Segundo o autor esse discurso tem por finalidade instituir uma realidade com efeito de conhecimento e de reconhecimento, a delimitação posta ao espaço que é legitimado pela “regere sacra”. Região seria então um espaço institucionalizado pelo discurso e pelo poder simbólico que se dão no campo das representações mentais e das objetais, e essas forças simbólicas produzem o conhecimento e o reconhecimento do que se enunciam no caso as fronteiras regionais. (Essas forças de poder simbólicas é a língua falada, a religião, o hino, bandeiras, os heróis...) são elas em contraste que estabelece as representações da região enquanto espaço próprio determinado.

O acto da magia social que consiste em tentar trazer à existência a coisa nomeada pode resultar se aquele que o realiza for capaz de fazer reconhecer à sua palavra o poder que ela se arroga por uma usurpação provisória ou definitiva, o de impor uma nova visão a uma nova divisão do mundo social: regere fines, regere sacra, consagra um novo limite.” (BOURDIEU, 2006, p.116).

Dando continuidade, na tentativa de apresentar as várias considerações sobre região, outro autor de grande importância na temática, Jorge Siqueira que analisa de forma clara e objetiva que a região está intimamente ligada com a nação. Para ele a região se constitui através dos discursos projetados com a seca e a melindre. O centralismo nacional incomodava as elites do Norte, principalmente Pernambuco que foi o expoente das denúncias regionais de segregação por parte do império, devido esta centralização esta no Rio de Janeiro (Sul) e isso os favoreceram com os recursos e melhoramentos. Cabendo ao Norte apenas auxílios, que quando chegavam não eram suficientes para sanar as dificuldades e as expectativas da classe dominante e das populações.

Segundo Siqueira “este é o olhar da região para a nação”, o autor narra de forma enriquecedora muito da questão de como o regional interpela o nacional, esse era um discurso que de certa forma homogeneizou o Nordeste – discurso da seca. Que discurso era esse? As oligarquias acentuaram as disputas e denúncias da discriminação que o Sul tinha para com o Norte, e usavam dos jornais de Pernambuco para divulgá-las.

E como poucas vezes sucede que as Províncias do Norte sejam representadas no gabinete por algum filho seu, os seus interesses, por mais que eles importem à prosperidade geral, raras vezes são atendidos devidamente. Ao passo que as Províncias do Sul são largamente dotadas de toda a sorte de melhoramentos, as do Norte só por um favor especial recebem de tempos em tempos um escasso subsídio que por minguido deixa muitas vezes de lhes aproveitar. (SIQUEIRA, 2000, p.5)

Segundo o historiador, Durval Muniz que também trata da temática regional a mesma é formada através de discursos, de imagens, da música, da arte que ao serem proferidos e vistos são apropriados pelo público, tanto os que ocupam o espaço como os de fora, e esta forma de reconhecê-lo passa a ser um estigma entranhado na mente, ou seja, um estereótipo homogêneo de que região e principalmente a nordeste é apropriada como a representam: a fome, a seca, a pobreza, o atraso social... È perceptivo que ao se referir a qualquer outro local (ou região) do país não é aludido para região enquanto lugar individualizado do resto, isso porque a própria palavra é carregada de subjetividades negativas remetendo ao nordeste.

"Definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensá-la uma homogeneidade, uma identidade presente na natureza. O Nordeste é tomado, neste texto, como invenção, pela repetição regular de determinados enunciados, que são tidos como definidores do caráter da região e de seu povo, que falam de sua verdade mais interior". (ALBUQUERQUE Jr, 1999, p.24)

Durval (1999) conclui sua abordagem dizendo que Nordeste é uma "invenção" e consequentemente a região. Uma invenção "imagético-discursiva" apoiada numa construção identitária carregada de negatividade, onde vários setores da sociedade contribuem para isso, para a reprodução do Nordeste da seca, da miséria, do atraso econômico, social e intelectual. Consequentemente até nos dias atuais, essas imagens permanecem no imaginário coletivo, um estereótipo, que apesar de o Nordeste ser mais do que isso, não é apreciado nesse sentido e à mídia tem um papel fundamental nisso, contribuindo para projetar essa imagem de "região problema".

Não sejamos inocentes em acreditar que há um conceito pronto e acabado sobre a região, é um produto de uma construção ideológica, um espaço das relações sociais, de conflitos de memória e tradição. Esta percepção só existe porque nós apropriamos

dela e a tomamos como nossas representações, portanto a mesma se constitui como um espaço identidade, principalmente referência do Nordeste que há uma ligação entre os dois uma vez que não se ouve falar ou classificar região sul como uma divisão separada do nacional.

Capítulo II

Nordeste: espaço de simbolismo discursivo, construindo identidades

2.1 Nordeste: espaço institucionalizado pelo discurso hegemônico e pelo poder simbólico

Durante algum tempo o Norte obteve grande importância na economia nacional, porque não dizer que de certa forma teve uma hegemonia que foi perdida com o advento do café que coube ao Sul, essa importância já no final do século XIX e início do XX, como também dentre outros acontecimentos que contribuíram para essa troca de posições como o projeto de industrialização. E nesse espaço de tempo que o Norte vai se definir como Nordeste. A “grande” seca de 1877 - 1879 castigou muito essa área acentuando as disparidades que existia na própria região (Norte), ao qual corresponderia ao espaço mais seco merecendo uma maior atenção por parte do nacional.

Em 1909 o governo central cria a Inspetoria de Obras contra as Secas (IOCS) que posteriormente será transformada em Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), na qual através deste órgão será fundamentado o termo Nordeste, como a área correspondente à seca. Foram esses autores tanto da elite como os intelectuais que forjaram inúmeras imagens do que seria o Nordeste. Segundo Durval (2007) este foi criado a partir da “tradição, da vida rural, do conservadorismo e das práticas folclóricas, das relações sociais de apadrinhamento, das secas, do messianismo, do coronelismo e do cangaço”. Também na imagem geográfica: da paisagem das terras áridas, dos cactos, animais mortos, e da fome.

[...] sofremos preconceitos ao sermos vistos como pessoas atrasadas, incapazes de acompanhar a vida moderna, a vida na grande cidade; imagem que será reforçada quando, nos anos 40, intensifica-se a migração de nordestinos para as grandes metrópoles do Sul, em busca de vagas abertas na indústria em expansão. A maior parte destes migrantes vem da zona rural... seus hábitos, costumes, formas de se comportar, concepções, forma de pensar, de andar, de falar, estão marcados por sua vivência no campo e por sua condição social de homens pobres, analfabetos, submetidos a uma dura rotina de trabalho e a muitas privações... (ALBUQUERQUE Jr, 2007, p. 102).

Jorge Siqueira relata as manobras utilizadas na construção deste espaço: o discurso identitário, o denuncia e o estratégico. O discurso identitário tinha por finalidade reforçar os laços sentimentais de toda aquela região, justamente como foi feita a constituição da identidade nacional, mas agora era preciso aos excluídos se

juntarem quanto à rejeição do império (posteriormente República), era a vez de ver o Sul como o estranho, o outro, dando uma base para alcançar o sucesso no apelo à tradição, e cultural “nordestina” à memória para sacralizar as diferenças existentes.

Já o discurso denúncia se concentrava na seca, que será o principal motivo da melindre: a indisponibilidade de capitais e créditos, impostos excessivos, o centralismo político, o café como monopólio da economia, ausência de investimentos nos setores de infraestrutura e falta de uma política incentivadora para a educação e o trabalho que acabava para o futuro criar uma desigualdade entre as regiões, acabou que “foi profético com relação ao que mais tarde se verificaria no que concerne aos desníveis regionais no Brasil” (SIQUEIRA, 2000, p. 12).

Além do discurso denúncia destaca-se também no segundo momento o discurso estratégico que era outro subterfúgio utilizado para “estrategicamente resaltar a discriminação perpetrada entre regiões pelo governo central” (Siqueira, 2000, p. 13). São através desses recursos que as oligarquias tentam barganhar com o Estado privilégio, visto que muitos desses poderes locais estavam em processo de derrocada com a mudança da importância econômica e o fim do ciclo açucareiro.

Estas foram imagens e discursos que ao serem divulgadas acabaram sendo introjectadas nas mentes tanto do Norte quanto do Sul e a partir daí foram sendo consumidas de ambas as partes e projetadas a nível nacional como também regional. É fácil ainda nos dias atuais ouvir nordestinos sendo chamados de “baiano” e “Paraíba”, termos pejorativos de discriminação a pessoas oriundas do nordeste/norte que trás consigo uma carga negativa. Ainda hoje é muito difícil desmistificar essa região de toda a sua negatividade se estas imagens são fortes e ainda causam efeitos.

Foram produzidas principalmente pelas elites compostas por proprietários de terras ligadas às atividades agrícolas e agrárias como a produção açucareira, algodoeira ou ligada à pecuária, que ecoavam estes discursos. Serão essas mesmas elites que se apropriaram da seca para tornar visível e divisível a região, já que a mesma ocorrerá em um momento conturbado pela economia, e atingirá setores que antes nunca teria ocorrido sendo sentida com maior intensidade agora. A República tinha como prática vigente destinar a arrecadação dos impostos aos governos estaduais e conseqüentemente a elite dominante, que apresentavam características econômicas e políticas.

O Nordeste nasce como o último território de domínio que sobrou para as elites agrárias do Norte, que antes dominavam o espaço nacional e agora se viam arrinconadas e reduzidas á dominação sobre apenas uma área do país. (ALBUQUERQUE Jr, 2007, p. 105).

Estes grupos como perdera espaço para os sulistas viam seus prestígios dissipar, com isso o Norte e seus representantes cada vez menos tinham representação política no cenário nacional, e as elites perdiam espaços. A ideia de Nordeste e de ser nordestino, surge entre as elites e só vai se popularizar ao longo de década de 30.

Tendo como premissas uma abordagem de Bourdieu (2006, p. 8) sobre o poder simbólico, e segundo o mesmo "... o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem.", ou seja, ele é anunciado e "criado" para assegurar sua invenção (Nordeste) e assim poder afirmar a dominação de uma determinada classe social sobre a outra que corresponde a uma minoria dominada, pela legitimação ou domesticação da identidade nordestina pelo poder que elas exercem.

A institucionalização deste espaço após estes discursos serão apropriados, resignificados e representados através do poder simbólicos que os mesmo irão instituir através dos símbolos cognitivos, que no caso do Nordeste serão as imagens representativas que foram criadas como a seca, o messianismo, o cangaço, a mulher masculinizada, pelo pau de arara, o homem viril, violento e autoritário, o coronelismo. Quanto ao corpo à imagem que se tem é da cabeça chata, corpo disforme e feio, baixa estatura, sem higiene. E tão forte essa simbologia que ainda se apresenta como tal, como se estes fossem características exclusivas de quem habita nesse espaço.

"O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto mundo, poder quase mágico que permite o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário." (BOURDIEU, 2006, p. 14).

A força com que o poder simbólico se projetou na construção do indivíduo nordestino lançou laços muito fortes no imaginário coletivo, e a partir daí estes laços

mistificou esta territorialidade com características muitas das vezes divulgadas pejorativamente, com um lugar fora do contexto econômico social da nacional é sacralizado pelo poder que lhe é atribuído e também pelos discursos como pelos símbolos representativos.

Podemos entender a partir do exposto como foi construído o estereótipo de Nordeste atrasado e subdesenvolvido, que foi proferido pelas elites (proprietários de terras em declínio) assim como pelos letrados (intelectuais, jornalistas, literatos, poetas, pintores, sociólogos folcloristas) que compunham o espaço. O discurso da seca acaba reforçando uma “indústria da seca” que estará incumbida de pedir recursos em nome das vítimas dos flagelos assim como obras públicas. Mas as visões que se tinha do Norte pelo Sul projetava uma imagem de “sanguessuga dos cofres públicos, que retorno nenhum daria ao país” (ALBURQUEQUE Jr, 2007, p. 95).

2.2 O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) na construção da Paraibanidade

O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano foi fundado em 07 de setembro de 1905, com o claro objetivo de fazer a história da Paraíba separada da de Pernambuco, como vinha sendo feita desde a colonização. Será o instituto que dará certa autonomia a essa nova historiografia, visto que não se encontrava material que relatasse essa outra história, como deixa claro a historiadora Margarida Maria:

O que constatavam era a existência de uma crônica sobre a Paraíba, muito ligada a Pernambuco e ao Brasil. Não havia a história da Paraíba. A fundação do IHGP previa, além da organização das fontes e outras tarefas tidas como importantes, o objetivo maior de escrever a história da Paraíba. Quando a isso se adicionava o fato de ser escrita pelos próprios paraibanos, a relevância do objetivo era multiplicada. (OLIVEIRA, 2011, p.39)

Para a composição desta história o IHGP – que era composto por representantes de cargos públicos, jornalistas, intelectuais de diversos setores, tinham também a preocupação da reconstituição do passado histórico paraibano. Mas para essa reconstituição seria necessário ir ao passado fazendo uma “rememoração” dos fatos e personagens que de alguma forma pudesse dá um salto para a “nova” escrita.

O IHGP vai organizar um calendário oficial para comemoração dos paraibanos, na qual estas datas tinham como pressuposto a “glorificação” deste “novo” ser/homem - o paraibano, como uma “nova” identidade que surgiria nesse contexto regional nordestino. As datas de “05 de agosto de 1585, as resistências holandesas, a revolução de 1817 e a proclamação da República” (Oliveira, 2011, p. 45) foram os marcos que a Paraíba percorreu para construir sua história. Respectivamente temos como 1585 o início da fundação da cidade de Nossa Senhora das Neves, que segundo o instituto foi criada como o início de uma “nova civilização” que nasceu na paz de João Tavares (português) e Piragybe (chefe dos tabajaras).

A segunda data, seria a bravura em que os paraibanos resistiram às invasões holandesas e como seu expoente André Vidal de Negreiros, foi considerado um herói, em relação a esta questão “o período de domínio holandês, retratado pelo IHGP, serve também para acentuar a contraposição a Pernambuco” (OLIVEIRA, 2011, p. 48), isso porque, nesse período Pernambuco ganhou muito em termos de desenvolvimento econômico, enquanto as benesses não chegaram à Paraíba. A revolução de 1817 tinha o caráter republicano emancipacionista e mais uma vez a Paraíba mostra sua bravura aderindo ao movimento e tendo grandes feitos reconhecidos. E por fim a República que vem se autoafirmar no cenário nacional, relegando a Paraíba sua vocação republicana, por ter participado dos eventos que culminaria a este momento histórico, como afirma Oliveira.

O Instituto Histórico deixa nas entrelinhas a ideia de que, na realidade, apesar de importância daquela data, mais contribuição deu a nação quem sempre trabalhou pela república, e nesse caso, a Paraíba foi, segundo eles, singular. (2011, p. 52)

Era recorrente nas produções do instituto o discurso emitido como um sentimento que viria crescendo, que era o de igualar e ao mesmo tempo separar as duas províncias. É a partir dele que a paraibanidade pode em fim garantir o sentimento tão pretendido pelas elites da Paraíba.

2.3 A construção da ideia de paraibanidade

A capitania da Paraíba em toda a sua trajetória econômica esteve vinculada a Pernambuco, enquanto o mais importante centro da colônia, esta dependência sempre custou à Paraíba, que permanecia numa relação inferior quanto à outra. Foi necessário “inventar” uma identificação no primeiro momento do nacional através dos discursos do estado e de suas instituições como o IGHB, o colégio Pedro II que estavam incumbidos de repassar as imagens de identidade. Num segundo momento esta nação se antepõe ao/a local/região nesse caso o futuro Nordeste.

No caso da Paraíba serão os fundadores do IHGP que começaram a difundir a paraibanidade, um sentimento que toma força a partir do momento que se esta escrevendo a sua história. E os mesmos atribuíram característica específica para esse ser: a diplomacia e a inclinação à paz, a bravura, e a preponderância ao republicanismo.

Estas representações apropriadas de discursos eram na verdade manobras de poder, para projetar o objetivo desejado que fosse difundir, mas não só enquanto discurso como também um sentimento forte de pertença. Ainda segundo Chartier:

No primeiro sentido, a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objecto ausente através da sua substituição por uma «imagem» capaz de o reconstitui em memória e de o figurar tal como ele é”. (CHARTIER,1990, p. 20).

Numa sociedade, onde ainda é forte a caracterização identitária de pertencimento a algo, ou a um espaço físico pré-determinado fica difícil tentar burla essa “característica” imposta culturalmente, de ser, agir e pensar como um homem paraibano deve “se comportar”, conceito este determinado a partir de segmentos da sociedade elitizada que discursa as regras de condutas. Esses discursos buscavam autodeterminar uma sociedade vigente que queria se desvincular de Pernambuco, mas para isso era preciso fazer com que a população se desvencilhasse também.

Com a Revolução Liberal na década de trinta, o Estado da Paraíba manteve-se em destaque nacional, ocupando cargos de alto nível no governo que em contrapartida Pernambuco não teve tanta importância como de costume, devido seu posicionamento em trinta.

De repente a Paraíba cai em esquecimento de novo, pois seu estado vizinho ao sul emerge a nível nacional. Os paraibanos mais uma vez ficam a margem de Pernambuco, e o que fazer? Volta-se a ser reproduzir o sentimentalismo de amor ao seu estado. Mas não é isso que sempre ocorre, tenta-se contornar uma dificuldade através da omissão política. E no discurso através do tempo que é/foi introjectado a noção de pertencer a Paraíba e de ser paraibano devido a algumas características forjadas com a ideia de herói pelo IHGP.

Na atualidade esse velho discurso veio à tona com o fato da transposição das águas do rio São Francisco que beneficiará alguns estados do nordeste, e a cantora Elba Ramalho posicionou-se contra. Vendo questionar o que é ser paraibano na imagem de Elba Ramalho. Devido sua posição que foi contra a obra, ela foi acusada pela imprensa local de não se paraibana, de negar suas origens.

Capítulo III

A internet como fonte documental: O caso de Elba Ramalho na transposição do rio São Francisco

3.1 A internet como fonte documental

A fonte documental é fundamental na composição de uma pesquisa científica, será a mesma que dará o suporte para que a pesquisa aconteça. No século XIX o documento é tratado como a essência para fazer a história, com a Escola Metódica “Positivista” há um parâmetro para que o documento seja válido, ele teria que ser oficial (cartas, registros paroquiais e estadistas) que segundo Ranke esse critério era relevante para a captação e a leituras dos dados.

A revista intitulada *Annales d' Histoire Économique et Sociale* francesa, fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, vai surgir como um “novo” referencial para a historiografia, causando uma verdadeira “revolução” na forma de ser tratar a história. Serão os *Annales* que cogitará outra abordagem para apreender as fontes históricas. A historiografia produzida pelos positivistas era limitada em fatos e datas, uma história de heróis, da elite vista por cima, que deixava a margem outros agentes da história, “os excluídos da história”. Com a “renovação” proposta pelos *Annales* se adequaria a interdisciplinaridade com as outras ciências que possibilitaria ampliação do conceito de fonte, não mais se limitando a fontes oficiais escritas documentais, a exemplo das fontes visuais ou tecnológicas.

A primeira geração que é a de 1929 tem como característica fazer uma história mais estrutural-qualitativa e econômico-social. A segunda estará mais voltada para o econômico e demográfico. A terceira geração pode se verificar uma adequação com as outras ciências: geografia, psicologia, antropologia, linguística literatura, semiótica, mitologia, climatologia... Nessa fase a História Cultural seduzirá com “a renovação das correntes da história e dos campos de pesquisa, multiplicando o universo temático e os objetos, bem como a utilização de uma multiplicidade de novas fontes” (PESAVENTO, 2005, p. 69).

A modernidade (ou pós-modernidade) tem como especificidade o avanço no setor tecnológico com as transformações ocorridas nos meios de comunicação. Até décadas atrás, o pesquisador/historiador só poderia contar como fonte os documentos tidos oficiais, a fonte oral e arqueológica. Mas com a “evolução” metodológica que se enquadra nas novas perspectivas, o historiador hoje utiliza como materiais fontes como

a música, a imagem, o cinema, a internet... Neste caso esboçaremos especificamente a internet.

E de entendimento que essa fonte possibilita e ajuda muito na pesquisa científica, mas ao mesmo tempo merece precaução, pois a internet como arquivo e referência requer cuidados quanto à procedência do que está exposto na rede, porque nem tudo que encontrar exposto nos web sites tem valor científico, e em muitos casos é necessário verificar as referências, se condizem ou atestam a origem das transcrições.

O enfoque dado à informação e as novas tecnologias decorrem das facilidades que a mesma possibilita e oferece, caberá ao historiador submeter a criticar a sua fonte e tirar dela o que seja realmente relevante para o objeto de estudo em questão. Não só a internet como também todas as fontes documentais ou não, devem passar pela crítica mais radical, quanto à origem, a confiabilidade e veracidade do documento (de forma geral). Segundo Le Goff:

[...] Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas aquela vasta rede de solidariedades e de antreajuda que supre a ausência do documento escrito?(1992, p. 540, apud, [Febvre, 1949, Ed. 1953, p. 428]).

Será de grande importância na realização da pesquisa com a internet fazer com que essa fonte tenha um valor de testemunho e dela retirarem as apropriações devidas, fazendo uma leitura crítica do que está exposto, lembrando que “não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira” (GOFF, 1992, p. 548).

Quanto à abordagem o presente trabalho será realizado com a dimensão teórica da História Imediata que difere da História do Tempo Presente, esta prescinde do envolvimento do historiador, já a outra é um gênero híbrido entre a história e o jornalismo, por isso as divergências se esse tipo de fazer história seria considerado História pelos críticos, visto que essa abordagem pode não ter sido concluída e seu processo ainda esteja em conclusão.

A História Imediata é um campo historiográfico muito específico às vezes próximo do jornalismo. Ocorre quando um historiador se propõe a produzir um trabalho historiográfico que se relaciona a um objeto no qual, de alguma maneira, ele mesmo se insere. (BARROS, 2004, p. 145).

Mesmo sendo plausível de discussão a História Imediata se enquadra na possibilidade de adequar a pesquisa histórica nas concepções de “novas” abordagens metodológicas, visando não mais se produzir uma história que analisa a longa duração, mas possibilitando considerar outra forma de produção, nem melhor nem pior do que se vigora.

3.2 O discurso da cantora Elba Ramalho: a transposição do rio São Francisco

Elba Maria Nunes Ramalho nasceu na Paraíba, na zona rural de Conceição, mais conhecida como Conceição do Vale do Piancó, em 17 de agosto de 1951. Em 1962, a família se mudou para a cidade de Campina Grande, também na Paraíba. O pai se tornou proprietário do cinema local. Filha de músico despertou o interesse pela mesma ainda na adolescência. Foi também rodeada pelo solo seco e vegetação árida que a cantora se familiarizou cedo com os mais diversos ritmos da região: baião, maracatu, xote, frevo, pastoril, caboclinhos e forrós. Gêneros que preservam a pureza de uma cultura eminentemente popular.



Foto 1: fonte <http://revistaispia.blogspot.com.br/2011/06/elba-ramalho-nos-festejos-juninos-de.html>

Em outubro de 2005 a cantora Elba Ramalho se pronunciou contrária à transposição do rio São Francisco. A polêmica caiu no debate político-eleitoral da Paraíba, onde através de voto de repúdio¹ da câmara dos vereadores de Campina Grande, como também em textos jornalísticos, na qual Elba foi execrada publicamente sendo chamada de *não paraibana* e segundo alguns radialistas que disse que ela “cuspiu no caneco em que bebeu”.

Assim, CONSIDERANDO de profunda gravidade a declaração de Elba Ramalho, que chega de forma associada ao bispo também baiano que fez greve de fome para impedir o curso do projeto de transposição, REQUEIRO na forma do requerimento interno que esta casa insira em seus anais VOTO DE REPÚDIO à atriz e cantora Elba Ramalho, pela intempestiva, inusitada e descabida declaração, posicionando-se contrária à transposição das águas do rio São Francisco, numa espécie de “cuspida no prato” da sua própria história. (Fragmento retirado do voto de repúdio, 03/11/05).

O radialista Marcos Marinho que também exercia o cargo de vereador em uma atitude intempestiva, tanto no rádio quanto na Câmara Félix Araújo elabora o requerimento em que “exigir” a retratação da cantora Elba Ramalho junto ao povo da Paraíba, por seu pensamento não está de acordo com o da Paraíba. Para ele por Elba ser cidadã campinense/paraibana sua atitude contradiz com que se esperava de uma paraibana, que no sentido do todo paraibano uniformizasse a opinião favorável, visto que o estado sairia privilegiado principalmente o sertão que sofre mais com as estiagens.

Em síntese a transposição consiste na transferência de águas do rio para abastecer açudes e pequenos rios nos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Mas entorno dessa questão há muitas discussões: será que é um projeto viável, ou não, ou se há mesmo a necessidades de se fazer esse projeto, ou ainda será que a transposição vai beneficiar esses estados, ou como ficaria a questão do meio ambiente? Polêmicas à parte, o que interessa nesse trabalho e a discussão em torno de Elba e sua posição contra o projeto.

Numa definição simplista pode-se dizer que o projeto consiste em um sistema de canais de concreto a céu aberto que levará a água do rio São Francisco – que não será desviado de seu curso – para alguns grandes açudes já existentes no semiárido, de onde ela será redistribuída pelos rios intermitentes do Polígono, conforme necessidades pontuais, criando a chamada “sinergia hídrica” na região. [...] Os canais, que terão no total cerca de 620

¹ Segue em anexo o documento votado pelos vereadores de Campina grande

quilômetros, cortarão o Polígono das Secas em duas direções, norte e leste. [...] O maior canal – o chamado Eixo Norte, com 402 quilômetros de extensão – terá início na altura do município pernambucano de Cabrobró e seguirá em direção às bacias dos rios Brígida (PE), Jaguaribe (CE), Apodi (RN) e Piranhas-Açu (PB-RN). Já o Eixo Leste, de 220 quilômetros, começará na represa de Itaparica e atingirá as bacias dos rios Moxotó (PE) e Paraíba (PB). [...] Com os dois eixos em operação, serão atendidas, por meio de adutoras, as necessidades hídricas também de alguns municípios importantes do agreste pernambucano, como Caruaru, e cidades como Campina Grande, a segunda maior da Paraíba, que convive há anos com racionamentos (BARBOSA, 2011, apud. MAWAKDIYE, 2005, p. 6-7).

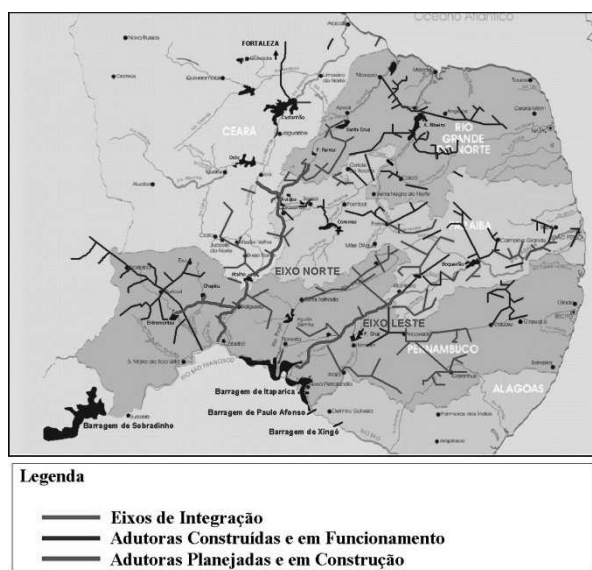


Foto 2: Mapa da transposição <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>

Mas para uma melhor compreensão é preciso entender o que acontecia no cenário político da Paraíba de 2005. Sendo a cantora amiga do governador Cássio Cunha Lima (PSDB) e o Estado estava em plena disputa eleitoral, na qual o candidato da oposição (PMDB) então senador, tinha como seu suplente o presidente das emissoras de rádio e TV do grupo Correio da Paraíba² fato que por si só enuncia uma polêmica que vai além das vias legais em relação à transposição.

Sua opinião foi perpetrada durante um evento da ONG Onda Azul, idealizada por Gilberto Gil, ela fez uma observação, devido ser ligadas a programas ecológicos que teria outros meios de levar água ao sertão nordestino. Fato que foi considerado por setores de comunicação como uma “ofensa” à Paraíba, chegando até ser votado na

² Roberto Cavalcanti

câmara de vereadores de Campina Grande um voto de repúdio a sua pessoa como cidadã campinense.

"Foi uma simples emissão de pensamento meu, puramente ecológico, sem nenhum compromisso político. Jamais me envolvi com a política da Bahia, quando dei meu depoimento sobre a transposição do Rio São Francisco nem sabia que havia divisões, que a Bahia era contra, que Pernambuco era a favor. Eu achava que unanimemente o Brasil queria a transposição. Só disse que era preciso mais transparência e mais reflexão. Para que não firamos o rio, para que não acabemos com o rio São Francisco", esclareceu.³

Quando Elba se refere à Bahia e porque ela foi “acusada” de receber dinheiro pela sua posição contrária, visto que à Bahia é profundamente contra a transposição. No ano posterior Elba participaria do carnaval em João Pessoa, onde cantaria no bloco Muriçocas do Miramar, sendo a mesma cerceada de participar devido a uma campanha do radialista Rui Dantas em incitar os populares a atacar ovos na cantora. Elba simplesmente agiu como apenas uma frase: “Me retiro da Paraíba”.

"Eu me retiro da Paraíba, digo com toda franqueza, disse hoje a minha família. Se a Paraíba quer me apedrejar, humildemente me recolho a minha vida. Vou cantar no Carnaval de Recife porque Pernambuco é a favor da transposição, mas não veio nenhum jornalista me agredir", desabafou.⁴

Em um desabafo em forma de carta em que a cantora enviou para o Jornal da Paraíba expressa a sua tristeza por ser atacada na sua terra “tão querida”, em que ela declara todo o seu sentimento de amor pelo seu Estado. Ao contrário do que a imprensa a acusou, de por manifestar seu pensamento ecológico estaria indo de encontro com o que a Paraíba queria e por isso não seria mais paraibana.

Após trinta e cinco anos nos palcos da vida, é a primeira vez que vejo meu direito de cantar cerceado. Pasma com tanta ignorância e inveja. Sim, porque vim e venci, porque **sempre aceitei que me chamassem de "Paraíba" e com orgulho pulei os muros do preconceito para conquistar o mundo. Não para minha honra, mas pela honra do meu povo, da terra que me gerou**, da cultura que ganhou na minha voz e no meu discurso força e vitalidade. Vocês deveriam me ser gratos, uma gratidão sem parâmetros, de culpa, por nada que viesse de mim, pois o que vem de mim é bem, é saudável, é íntegro e honesto. É verdadeiro e

³ Disponível em: <http://www.noembalo.com.br/elba-ramalho-me-retiro-da-paraiba_92.html>

Acessado em 25 de novembro de 2012.

⁴ Ibid

legítimo! (grifos nosso - trecho retirado da carta de Elba Ramalho em 18/02/06)

Esse “não ser mais paraibana”, dá a entender que por a cantora morar a alguns anos e ter consolidado sua carreira no eixo sudeste, acreditam que ela não saberia mais o que se passaria no nordeste, principalmente na Paraíba que a transposição seria segundo aos favoráveis uma “salvação” da seca para os nordestinos. Antes de não ser mais paraibana, ela não seria mais nordestina. Nesse sentido de pertencer, ou não, Elba reafirma sua posição e o seu amor a esta terra e, sobretudo ao sertão nordestino, que a mesma ainda se identifica com a imagem reproduzida referente à região. Visto que ela é produto de um discurso preconceituoso recorrente de uma visão equivocada da região nordeste.

Como se meu humilde sentimento de amor ao velho e belo rio São Francisco pudesse vir a causar danos **ao povo sofrido do Nordeste: o meu povo!** Por quem tanto chorei, para quem tanto deixei ecoar no tempo os trinados de minha voz... Acredito existirem meios melhores e mais eficazes de levar a sagrada água ao povo do sertão. **Sei das necessidades do povo humilde de minha terra. Também sou fruto da seca** e nunca irei esquecer o poço que meu pai cavou no quintal de casa de onde jorra, até hoje, água em abundância. (grifos nosso - trecho retirado da carta de Elba Ramalho em 18/02/06)

O discurso da paraibanidade que forjou a identidade, o sentimento de amor a esta terra ainda ecoa, mesmo que seja de forma menos visível. Se no primeiro momento ficou a cargo das elites, atualmente cabe aos profissionais da comunicação reafirma nas práticas e na cultura paraibana esse sentimento, que de certa forma ainda continua assegurando a imagem estereotipada do paraibano forjado na seca, na masculinidade. Devendo ser o contrário, eram estes profissionais que deveriam desmistificar esse conceito equivocado e projetar uma “nova” imagem da Paraíba propensa a um “novo” discurso da paraibanidade.

Considerações Finais

È possível a partir do exposto entender como foram “criados” os mecanismos para elaborar uma falsa ideia de homogeneização cultural brasileira, num momento de transição política. O presente trabalho possibilitou analisar as múltiplas facetas do conceito do termo identidade e como o mesmo foi representado e apropriado por um setor da sociedade que se pretendia o regional, com o intuito de separar esse regional do nacional, visto que as relações que os levavam a isso eram econômicas. E sob o pretexto da seca foi legislada a aceitação de uma região “problema”, que almejava diferenciar-se do resto do território nacional. Mas da forma como foi propagada permanece ainda na contemporaneidade se pagando um alto preço, pela imagem reproduzida estereotipada e preconceituosa de “subdesenvolvimento” na qual está veiculado o Nordeste.

No mesmo momento que se tencionava a identidade nordestina, a identidade paraibana se formulava sob os alicerces da projeção sentimental e heroica da concepção de um estado forte quem tem suas raízes num passado glorioso, que não precisa se submeter a ser mera coadjuvante de seu vizinho. Tendo conhecimento ainda que a alcunha “paraibanidade” foi produzida com o propósito de desvencilhar-se de Pernambuco pelo IHGP, de produzir uma história estritamente paraibana feita pelos seus, que era difundida através dos meios de comunicação que a época correspondia: as revistas do mesmo instituto que exaltação a bravura do povo paraibano, o seu despreendimento a luta pelos ideais republicanos e a heroicização na figura de Vidal de Negreiros, nome de importância da expulsão dos holandeses.

Feita no sentido vertical a identidade da paraibanidade era lançada nas camadas populares a fim de se conquistar adeptos da ideia suplantada, ao ponto que os sujeitos ao sentirem-se paraibanos orgulhassem de sua história de forma inconsciente e que fosse normal se sentir assim.

Tudo que se constata no enredo deste trabalho aconteceu paulatinamente, havendo um tempo para que as pessoas se adaptassem as novas características. E para atestar que o discurso da paraibanidade obteve êxito, em 2005 há um debate em torno da questão de identidade com a cantora Elba, que após ser contrária a transposição e retaliada por não estar de acordo com os interesses do seu estado. Em que as águas do velho Chico beneficiariam a Paraíba e amenizaria as secas que assolam todo o sertão.

A uma comoção em torno do projeto uma vez mais levantando os problemas climáticos como fator crucial para pedir providencia ou interpela o nacional recurso. Dessa forma e compreensivo que mesmo vivendo numa sociedade considera moderna, ainda resguardamos resquícios da “velha” tradição de ser assumir detentor de uma identidade, quando a mesma se sentiu ameaçada vinda à necessidade de sua autoafirmação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A questão Nordeste: estudos sobre formação histórica, desenvolvimento e processos políticos e ideológicos / (organizado por) Sílvia Maranhão. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. (Coleção Estudos sobre o Nordeste; v.16).

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M.. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 1. ed. São Paulo/Recife: Cortez / Massangana, 1999. v. 2000. 340p.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia** / Durval Muniz de Albuquerque Júnior. – São Paulo: Cortez, 2007. – (Preconceitos; v.3)

BARBOSA, Virgínia. *Transposição do Rio São Francisco*. **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2012.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História – especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOUDIER, Pierre, 1930-2002. **O poder simbólico** / Pierre Bordieu; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) - 9ª Ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2006.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 245p.

Informação e sociedade: tendências de pesquisa em graduação / organizado por Jose augusto chaves Guimarães e Marcos Cesar Alvarez. – Marília: UNESP – Marília – Publicações, 1998. 140 p. 23 cm.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão, et all. 2º Ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

Novos Caminhos da geografia / Ana Pani Alessandri Carlos (ORG). São Paulo? Contexto, 1999. (Caminhos da geografia).

Oliveira, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião: Sudene, Nordeste. Planejamento e conflito de classes**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro, paz e Terra, 1981. 132 p. (Estudos sobre o Nordeste, v. 1).

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **Paraíba: "Heroica desde os primórdios"**. Patrimônio e Memória (UNESP), v. 7, p. 38-53, 2011.

PENNA, Maura. " **Capítulo I Examinando pressupostos: a região Nordeste**". In.: "**O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina**". São Paulo: Cortez, 1992. pp. 17 48.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural** / Sandra Jatahy Pesavento. -2. Ed. 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 132 p. (Coleção História & reflexões, 5).

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales** - a inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

Saeculum – **Revista de História**, ano 13, n.16 (2007). – João Pessoa: departamento de História/ Programa de pós-graduação em História/UFPB, jan./jun.2007.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. "Introdução".: In.: **O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional**. São Paulo: Ed. Moderna, 1984. pp. 15-58.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **O regionalismo Nordestino: Existência e Consciência da Desigualdade regional** (Fac-Similar). – João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

SIQUEIRA, Antonio Jorge de. **Nação e Região: os discursos fundadores**. Ciclo de Conferências Brasil 500 anos realizado pela Fundação Nacional de Arte - FUNARTE - em sua quarta edição Nação e Região, no Rio de Janeiro, aos 11 de outubro de 2000. p. 1- 18.

Disponível em: <<http://www.elbaramalho.com.br/bio/>> acessado em; 25 de novembro de 2012.


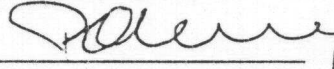
Disponível em: <<http://revistaispia.blogspot.com.br/2011/06/elba-ramalho-nos-festejos-juninos-de.html>> Acessado em 25 de novembro de 2012.

Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>> Acessado em 25 de novembro de 2012.

ANEXO



ESTADO DA PARAIBA
Câmara Municipal de Campina Grande
" Casa de Félix Araújo "

| | | | |
|--|---|--|---|
| REQUERIMENTO | Entrada na Secretaria Em, 21 / 11 / 05 | DESPACHO | |
| |  | Aprovado na Sessão de 03 / 11 / 2005 |  |
| | Adiado para próxima Sessão Em, ___ / ___ / ___ | Presidente | 1º Secretário |
| 2786 Nº 12005 VISTO EXP. OF N.º 2365 ELSON ELBA RAMALHO | | EMENTA: REQUER A INSERÇÃO NOS ANAIS DE "VOTO DE REPÚDIO" À CANTORA E ATRIZ ELBA RAMALHO POR SUAS DECLARAÇÕES NA BAHIA CONTRA O PROJETO DE TRANSPosição DAS ÁGUAS DO RIO SÃO FRANCISCO. | |

VISTO EXP. OF N.º 2368 Jânio
 VISTO EXP. OF N.º 2369 Jânio GOV. PARAIBA
 VISTO EXP. OF N.º 2370 Jânio GOV. PERNAMBUCO
 VISTO EXP. OF N.º 2371 Jânio GOV. R.N.
 VISTO EXP. OF N.º 2372 Jânio GOV. CEARA

PRES- LULA Nascida sertaneja, em esturricado solo árido de Conceição do Piancó-PB, obrigada a acudir-se em retirada para as brisas de Campina Grande, cidade que a educou e acolheu junto aos demais familiares e a tem como filha querida e hoje ilustre, a atriz e cantora Elba Ramalho acaba de dar uma infeliz demonstração de repulsa ao seu próprio berço ao posicionar-se, na Bahia, contra o sonhado e ansiado projeto de transposição das águas do rio São Francisco, redenção que certamente fará manter em Conceição e em outros secos Municípios paraibanos, nordestinos irmãos que não mais precisarão se submeter, como fez a família de Elba, à indesejável idéia de abandonar suas raízes.

A famosa cantora conterrânea foi incisiva, em show patrocinado pelo baiano ministro da Cultura, Gilberto Gil, e o relato estampado semana passada nas páginas do jornal "O Globo", do Rio de Janeiro, nos estarece: "Na festa de aniversário da Fundação OndAzul (do ministro Gilberto Gil), terça, Elba Ramalho fez uma ode contra a transposição do São Francisco - Esqueçam do Rio São Francisco! Deixem a natureza em paz - protestou, sob aplausos".

O pensamento de Elba até que poderia ser minimizado, não fosse ela uma estrela ascendente da música popular brasileira, cuja opinião seguramente influenciará ainda mais a cabeça de tantos quantos já se posicionam nesse País contrários ao redentor projeto da transposição. Como cidadã comum, a Constituição lhe preserva o direito do livre pensar e de poder exprimir as suas idéias, sem censuras. Mas como a artista de peso que o é, formadora exponencial de opinião pública, esse extravasar de idéias é catastrófico para todos nós que precisamos das águas do Velho Chico. E dá forte mote para o atraso do cronograma governamental.

Assim, CONSIDERANDO de profunda gravidade a declaração de Elba Ramalho, que chega de forma associada ao bispo também baiano que fez greve de fome para impedir o curso do projeto de transposição, REQUEIRO na forma do Regimento Interno que esta Casa insira em seus anais VOTO DE REPÚDIO à atriz e cantora Elba Ramalho, pela intempestiva, inusitada e descabida declaração, posicionando-se contrária à transposição das águas do rio São Francisco, numa espécie de "cuspida no prato" da sua própria história.

VISTO EXP. OF N.º 2373 Jânio GOV. ALAGOAS
 VISTO EXP. OF N.º 2374 Jânio PREF. J. P.
 VISTO EXP. OF N.º 2375 Jânio PREF. E. G.
 VISTO EXP. OF N.º 2376 Jânio CÂMARA MUN.
 VISTO EXP. OF N.º 2377 Jânio ASSEMB. PARAIBANA



ESTADO DA PARAIBA
Câmara Municipal de Campina Grande
" Casa de Félix Araújo "

QUE do mesmo modo esta Casa solicite da cantora Elba Ramalho urgente retratação pública, dando-se a ela por esta via uma oportunidade de desculpar-se perante os seus conterrâneos, acaso suas palavras tenham sido deturpadas ou mal interpretadas pelos veículos de comunicação que a divulgaram.

QUE a decisão plenária seja informada com urgência à cantora e atriz Elba Ramalho, via correio eletrônico no site www.elbaramalho.com.br, ao Excelentíssimo senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, aos Excelentíssimos senhores governadores dos Estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas, e aos Excelentíssimos senhores prefeitos de Campina Grande, Veneziano Vital do Rego Segundo Neto, e de João Pessoa, Ricardo Coutinho, bem como às presidências da Assembléia Legislativa do Estado da Paraíba e Câmara Municipal da Capital.

Sala das Sessões da Câmara Municipal de Campina Grande, "Casa de Félix Araújo", em 03 de Novembro de 2005.


José Marcos Marinho Falcão
Vereador

Disponível em: <http://www.noembalo.com.br/elba-ramalho-me-retiro-da-paraiba__92.html> Acessado em 25 de novembro de 2012

Elba Ramalho: 'Me retiro da Paraíba'

A cantora Elba Ramalho desabafou, nesta quarta-feira, dia 15, no programa de rádio de Giovanni Meireles, acerca da polêmica sobre sua vinda à Paraíba, em meio às discussões sobre o projeto de transposição do Rio São Francisco. Se sentindo caluniada por políticos e profissionais da comunicação que são a favor da integração das bacias do Rio ao Nordeste Setentrional, a artista decidiu cancelar a vinda para as Muriçocas do Miramar.

"Eu me retiro da Paraíba, digo com toda franqueza, disse hoje a minha família. Se a Paraíba quer me apedrejar, humildemente me recolho a minha vida. Vou cantar no Carnaval de Recife porque Pernambuco é a favor da transposição, mas não veio nenhum jornalista me agredir", desabafou.

Elba, que é natural de Conceição do Piauí, disse que se sente em meio a um bombardeio na sua própria terra. Ela comparou sua situação ao chicoteamento de Jesus pelos fariseus e ao apedrejamento de Maria Madalena e se mostrou decepcionada com a volta de um comportamento semelhante ao da ditadura militar que cerceou o pensamento de muitos.

"Foi uma simples emissão de pensamento meu, puramente ecológico, sem nenhum compromisso político. Jamais me envolvi com a política da Bahia, quando dei meu depoimento sobre a transposição do Rio São Francisco nem sabia que havia divisões, que a Bahia era contra, que Pernambuco era a favor. Eu achava que unanimemente o Brasil queria a transposição. Só disse que era preciso mais transparência e mais reflexão. Para que não firamos o rio, para que não acabemos com o rio São Francisco", esclareceu.

A cantora destacou que desenvolve trabalhos junto aos ribeirinhos nas ONGs de que participa. "Eu estou posicionada com eles há mais de dez anos trabalhando com Ongs. Em nenhum momento eu quis dizer que meu povo não devia receber água, porque eu sou fruto da seca, eu nasci no sertão. Eu vi muita gente morrendo de sede, meu pai fez um poço no quintal lá de casa que jorra água até hoje. Um poço de apenas três metros de profundidade. E vários poços podiam ser feitos", comentou, lembrando que alternativas mais baratas de irrigação podiam ser desenvolvidas.

Ela criticou o incitamento a violência que sistemas de comunicação do Estado estavam realizando. "Meu pesar é ver como as pessoas caluniam, como as pessoas mentem, como as pessoas traem. A divergência é plenamente sadia, mas a truculência é inadmissível no atual momento democrático em que nós vivemos em que todos temos o direito de nos expressarmos. Me vejo apedrejada como Cristo foi, me vejo amarrada como Madalena esteve, dois mil anos depois, por pessoas hipócritas, porque eu estou longe e não tenho condições de me defender", lamentou a artista.

A cantora, que também é atriz, lembrou que se apresenta em vários países, sempre fazendo questão de afirmar que é paraibana. Elba negou qualquer relação com o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) que é contra a transposição.

"Nunca fui cerceada de me apresentar em canto nenhum. Me considero uma grande estrela. Eu vim e venci e a Paraíba não pode esquecer isso. O único lugar do mundo que estou sendo incitada a um apedrejamento é aqui, porque eles estão fazendo incitação a agressão física. Estão dizendo que recebi dinheiro da Bahia, quando nunca cruzei meu caminho com Antonio Carlos Magalhães, nunca dei bom dia a esse cidadão não sei nem quem ele é, posso até nem reconhecer porque não sou fã dele", relatou.

Indignada, a artista disse que os acusadores vão ter de provar as calúnias na justiça. "Tudo que estão levantando de calúnia vão ter que provar na Justiça. Eu estou acionando a imprensa do Brasil inteiro. Por que nunca vi uma artista ser cerceada no ano 2000 por defender um pensamento ecológico. Isso é jogo político", frisou.

Com a voz embargada, ela lembrou a luta de quando saiu da Paraíba para o Rio de Janeiro e ficava dormindo na praia, passando dias sem comer. "Eu chamei meu empresário e disse não preciso disso depois de 35 anos nos palcos, não preciso passar por nenhum constrangimento. Por que se a Paraíba deseja me jogar um ovo já está me dando um tiro. Mesmo não sendo fisicamente, esse ovo já chegou na minha cara, meu coração está machucado, apedrejado. E não vejo nenhuma razão para eu ir aí. Eu vou para onde as pessoas desejam que eu vá", declarou.

Fonte: ONORTEONLINE

Disponível em:<<http://br.dir.groups.yahoo.com/group/musicasemfronteira/message/37>>
Acessado em 25 de novembro de 2012

A Carta de Elba Ramalho

O desabafo de Elba

Em primeira mão, JORNAL DA PARAÍBA publica, na íntegra, uma carta da cantora paraibana sobre a polêmica envolvendo ela e a transposição do São Francisco

ANDRÉ CANANÉA

Elba Ramalho está triste com a Paraíba. Em contato com a reportagem do JORNAL DA PARAÍBA, para onde enviou uma carta comentando a polêmica criada em torno de sua posição a respeito da transposição do Rio São Francisco, a cantora declarou que não vem mais à Paraíba. "Já avisei aos meus familiares: eles vão ter que vir me ver, porque, até segunda ordem, não volto mais aí", disse, em tom de desabafo.

Elba chegou a ser convidada para tocar em um dos trios elétricos do bloco As Muriçocas do Miramar, que sai na próxima quarta-feira pelas ruas de João Pessoa. Cancelou sua participação ao tomar conhecimento de um boicote que estaria sendo articulado por conta de sua postura frente à transposição do São Francisco.

A cantora redigiu uma carta emocionada onde lamenta o tratamento que vem recebendo de algumas pessoas no Estado. Diz que o texto encerra o assunto e que não falará mais com a imprensa sobre o caso. A seguir, a íntegra da carta, em primeira mão:

Eu e o velho Chico

"Recebi, com muita honra, o convite para cantar na festa de aniversário da Ong ONDA AZUL, criada e presidida pelo atual Ministro da Cultura, Gilberto Gil, comemorado no ano passado no Rio de Janeiro. Um show intimista para uma platéia seleta de amigos, adeptos da ecologia e da imprensa. Ao final da apresentação, lancei um apelo aos representantes da Onda Azul para que tratassem com carinho a questão da transposição das águas do velho Chico, exigindo do governo Federal mais transparência quanto aos trâmites que envolvem este grandioso projeto.

Naquele instante, não manifestei nenhuma posição, nem contrária nem favorável à transposição do velho Chico, apenas uma observação sutil, uma tênue sugestão de um alargamento do diálogo entre o governo Federal e os representantes das diversas Ongs que defendem a preservação do meio ambiente como parte fundamental na sobrevivência natural da vida no nosso Planeta.

Foi publicado no Estado de São Paulo uma nota relatando o fato, o que levou a Câmara de Vereadores de Campina Grande a redigir um ato de repúdio à minha pessoa transmitida por alguns órgãos de comunicação. O mais surpreendente é que em momento algum fui procurada pelos Vereadores ou qualquer órgão da imprensa para um esclarecimento.

Pouco tempo depois, ao desembarcar em João Pessoa para um show com a Orquestra Sinfônica da Paraíba, no Fenarte, festival do qual sou madrinha, sou surpreendida por um bombardeio de desafetos e melindros, como se fosse eu responsável pelo projeto de transposição do velho Chico, guardado a sete chaves nas gavetas do palácio da República desde o tempo do império, ou fosse capaz de impedir sua execução.

Como se meu humilde sentimento de amor ao velho e belo rio São Francisco pudesse vir a causar danos ao povo sofrido do Nordeste: o meu povo! Por quem tanto chorei, para quem tanto deixei ecoar no tempo os trinados de minha voz.

Silenciei e retornei a minha casa, a minha vida, a minha luta pelo que acredito e sempre defendi: minha cultura, meus costumes,

minha música e minha família.

Por fim, sou convidada a cantar no bloco Muriçoca, criado e dirigido por meu amigo Fuba, parceiro de velhos carnavais. Penso: que maravilha, vou cantar no Muriçoca e dizer mais uma vez à Paraíba o quanto a amo e a desejo feliz! A Orquestra convidada desta vez é a belíssima e competente orquestra de frevos do maestro Spok, com a qual tenho feito shows no tradicional carnaval pernambucano".

"Seria lindo se fosse possível, querido Muriçocas"

CONTINUAÇÃO DA CAPA

"seria lindo se fosse possível, querido Muriçoca do Miramar. Seria quase perfeito não fosse mais uma vez a truculência e ignorância de uns, em desejar transformar o que tenho de mais sagrado que é minha integridade e caráter em algo piegas e vil.

A guerra está deflagrada no coração de alguns irmãos e conterrâneos. Logo eu, que só sei falar de flores e jamais mataria qualquer ser vivo deste Planeta. Logo eu que tanto amor sempre declarei por esse sublime torrão.

Não sou este ser que os senhores estão pintando para o povo simples e pobre do sertão. Também para o povo rico e afortunado da capital, para o estudante desavisado que pega o bonde andando e vai na onda sem saber o destino que virá. E o que dizer aos meus parentes e amigos que sofrem, ao ver-me exposta ao ridículo, carregando nos ombros a culpa de um crime que não cometi?

É um jogo sujo e do qual não desejo fazer parte, pois mesmo tendo explicado a toda imprensa, quando aí estive, sobre meu pensamento puramente ecológico e sem qualquer comprometimento político, até porque não me envolvo com políticos, não tive o direito de resposta.

Acredito existirem meios melhores e mais eficazes de levar a sagrada água ao povo do sertão. Sei das necessidades do povo humilde de minha terra. Também sou fruto da seca e nunca irei esquecer o poço que meu pai cavou no quintal de casa de onde jorra, até hoje, água em abundância.

Ouçõ de longe tudo que falam a meu respeito e lembro, como sempre, do que fizeram com Jesus Cristo, Mestre e Senhor do mundo. Em alguns raros momentos de minha vida consigo imitá-lo. Pego nesse instante meu Rosário, dedilho algumas contas e imploro: Senhor perdoa-

lhes, não sabem o que fazem!

A incitação feita por certos jornalistas paraibanos visando à violência contra minha pessoa, caso viesse a cantar na festa do Muriçoca é algo descabível na atual conjuntura político-social em que vivemos.

"Que tempo é este em que uma conversa sobre árvores, rios, chega a ser uma falta?" Como o poema de Brecht recitado por mim na FACMA, esse não seria o tempo de vislumbrar o despertar da consciência para alcançarmos a elevação do espírito e a graça da Luz, pela verdade e justiça ?!

Onde estão a verdade, a justiça, o direito do existir e do pensar, senhores jornalistas, vereadores e adeptos da violência contra minha pessoa?

Quando julgamos alguém estamos automaticamente nos colocando no jugo do Senhor, não esqueçam....

É nas mãos do Senhor que coloco este momento delicado e de pesar que vivo perante meus conterrâneos, perante meus familiares, meus amigos e fãs!

Saibam que após as incitações e ameaças feitas na imprensa paraibana contra mim, vieram de muitos lados manifestações ofídicas contra minha integridade física, razão pela qual o show no bloco do Muriçoca foi cancelado. E digo mais: Caso venha acontecer algum incidente que atente contra minha vida vocês serão chamados à responsabilidade, porque não se pode agir de forma irresponsável e vulgar contra um Cidadão do Bem.

Após trinta e cinco anos nos palcos da vida, é a primeira vez que vejo meu direito de cantar cerceado. Pasma com tanta ignorância e inveja. Sim, porque vim e venci, porque sempre aceitei que me chamassem de "paraíba" e com orgulho pulei os muros do preconceito para conquistar o mundo. Não para minha honra, mas pela honra do meu povo, da terra que me gerou, da cultura que ganhou na minha voz e no meu discurso força e vitalidade. Vocês deveriam me ser gratos, uma gratidão sem parâmetros, de culpa, por nada que viesse de mim, pois o que vem de mim é bem, é saudável, é íntegro e honesto. É verdadeiro e legítimo!

Não importa se sou rejeitada por uns que me tomam como inimiga.

Eu, pessoalmente, sou fiel e aqui permanecerei sempre às ordens, pois não nasci para ser servida e sim para servir.

Aceito o sacrifício imposto por vós, amigos, como Cristo aceitou a Cruz, porém meu ponto de vista ainda é o mesmo: "Deixe o Chico no seu canto que eu canto um acalanto, faço outra canção. Deixe o peixe, deixe o Rio que o Rio é o fio de inspiração!" Até que provem o contrário. Que a transposição ocorra de forma sadia tanto para o rio quanto para o povo pobre e simples que dele tira seu sustento. São os meus votos.

Certamente os governantes deste país saberão encontrar um meio menos truculento de oferecer água a quem tem sede e pão a quem tem fome, sem ter que matar um Rio, o qual já está em estado caótico e sem prejudicar quem dele tira o pão, o leite, o mel e a água! Mas, isto é apenas um sentimento pessoal, ecológico, humanitário, repito, de alguém que sonha com um Planeta liberto de iniquidades praticadas pelo mal, com um mundo onde não matem crianças, nem estuprem mulheres indefesas. Um mundo sem armas, sem guerras, sem canhões. Um mundo onde haja respeito e liberdade de expressão!

Não esqueçam: SOMOS TODOS IRMÃOS!

Por fim, gostaria de pedir o mínimo de consideração aos oitenta e oito anos de meu pai, a meus irmãos e amigos que zelam por mim enquanto ser humano".

Luz, amor e Paz! Elba Ramalho.

Disponível em: <<http://panoramaecologia.blogspot.com.br/2006/02/transposio-do-rio-so-francisco-elba.html>> Acessado em 25 de novembro de 2012-11-27

fevereiro 21, 2006

Transposição do rio São Francisco - Elba Ramalho critica obra e vira alvo de cruzada

Por José Nêumanne

A importância dada à transposição do Rio São Francisco e o grau de violência a que chegou o debate político pré-eleitoral em torno do tema no Nordeste podem ser medidos pela retirada do convite feito pelo bloco carnavalesco Muriçocas do Miramar, de João Pessoa, à cantora Elba Ramalho. Os organizadores da mais concorrida associação de foliões da capital paraibana desistiram de ter seu desfile

de abertura do carnaval puxado pela mais popular cantora do Estado por não se considerarem aptos a garantir a sua integridade física.

O radialista Rui Dantas tem usado seu programa diário, de grande audiência, para convocar a organização de um bloco para atirar ovos em Elba, por ter ela tornado pública sua posição contrária à obra execrada pelos Estados banhados pelo rio, mas vendida à população nordestina pelos políticos locais como a redenção da região, o fim da sede dos sertanejos.

A polêmica teve início em 26 de outubro, quando Elba, militante ecológica, fez emocionada defesa do São Francisco num show da ONG Onda Azul, liderada pelo baiano Gilberto Gil, ministro da Cultura. Em novembro, repercutindo intenso noticiário contra a cantora, nascida em Conceição do Piauí, no sertão, e criada em Campina Grande, o comunicador Marcos Marinho assumiu uma vaga na Câmara Municipal e propôs moção pedindo explicações da cantora, que é cidadã campinense. Alegou que ela estaria "cuspiendo no caneco em que bebeu".

A polêmica caiu como uma luva no debate político-eleitoral da Paraíba. Notória amiga do governador Cássio Cunha Lima (PSDB), Elba passou a ser vítima preferencial do jornal e das emissoras de rádio e TV do Grupo Correio da Paraíba, de Roberto Cavalcanti, suplente do senador José Maranhão (PMDB), candidato de oposição, favorito nas pesquisas.

O jornal do grupo noticiou na primeira página que o Comitê Estadual de Defesa do Projeto de Transposição de Águas do Rio São Francisco protocolou terça-feira ofício ao gabinete do governador solicitando a "suspensão de qualquer pagamento para a senhora Elba Ramalho através dos organizadores das festividades carnavalescas da cidade de João Pessoa".

Avisada sobre o clima de animosidade, Elba cancelou a apresentação e anunciou que em junho não fará espetáculos no São João de Campina Grande, tradição nos últimos 13 anos: estará nos palcos rivais de Caruaru (PE). "Após 35 anos nos palcos da vida, é a primeira vez que vejo meu direito de cantar cerceado", reclamou Elba, puxando o coro de jornalistas e artistas revoltados contra a politização, o "fundamentalismo" e a violência no caso.

(www.ecodebate.com.br) Fonte - O Estado de São Paulo - 17/02/2006

Postado por Gustavo Barreto às 18:14 